

Investigação epistemológica das homossexualidades masculinas em Freud: uma perspectiva lewino-bruniana

Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas

*Doutor em Psicologia pela Universidade de Paris 13. Professor da
Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade
Federal do Ceará. Coordenador do Círculo de Pesquisas sobre Lógica e
Epistemologia das Psicologias – UFC.
rbarrocas@uol.com.br*

4

Resumo

Trata-se de uma investigação epistemológica da concepção de Freud sobre as homossexualidades masculinas. Referem-se à psicanálise dois critérios: (1) a distinção que Kurt Lewin fez entre os modos de pensar aristotélico e galiléico da ciência e (2) a idéia de Giordano Bruno da relatividade dos movimentos, solidária com os conceitos de universo, uno e infinito. Considerando-se que esta última esteja na origem do modo de pensamento galiléico assim como no pensamento de Freud, o qual, segundo Lewin, não é completo ainda, tentou-se aprofundar o que Freud atribuiu a duas ordens de homossexualidade masculina: a daqueles que se tomam como objeto de amor e a dos que escolhem o pai. Abolindo-se a oposição entre normal e patológico com que aquele tratou o assunto, chegou-se à conclusão de que a heterossexualidade não constitui tipos puros, senão raramente. Ela apresenta muito mais variações em que se combinam características masculinas e femininas resultantes do recalque sobre a disposição bissexual constitucional. Por outro lado, constatando-se que não há duas, mas três ordens de homossexualidade, propôs-se situá-las não como patologia, e sim em continuidade com as aludidas variações, isto é, em gradações de pólos da masculinidade privados de todo caráter antitético.

Palavras-chave: Epistemologia. Pensamento aristotélico e galiléico. Bissexualidade constitucional. Variações da heterossexualidade. Tipos de homossexualidade. Gradações da masculinidade.

Abstract

This is an epistemological research about Freud's conception of male homosexuality. One refers psychoanalysis to two criteria: (1) Kurt Lewin's distinction of both aristotelian and galilean tendencies of thought in science, (2) Giordano Bruno's idea of "the relativity of movements" considered as a logical possibility connected to the notions of universe, unity and infinity. One has considered that Bruno's conceptions have fostered the arousal of the galilean tendency which is also found in Freud's thought, although it is yet uncompleted. It is also intended here to deepen what Freud has attributed to two orders of male homosexuality: the narcissistic one and the homosexuality related to the love of the father. Abolishing Freud's opposition between normality and abnormality, some results may be set: three kinds of male homosexuality are found instead of two. In general, heterosexuality does not constitute pure phenomena, but several variations composed by male and female traits resulting from repression on the bisexual constitution. One finally situates homosexuality not as a pathological phenomenon, but in the continuum of those variations: through some grades of male behavior conceived without any antithetical character.

Keywords: Epistemology. Aristotelian and Galilean Thought in Science. Constitutional Bisexuality. Heterosexual Variations. Kinds of Homosexuality. Grades of Male Behavior.

Esta investigação epistemológica concerne à já aludida concepção de Freud sobre as homossexualidades masculinas, considerada pela oposição que Kurt Lewin fez entre os modos de pensamento aristotélico e galiléico e pela idéia de Giordano Bruno da “relatividade dos movimentos”. Trata-se, nesta última, de uma possibilidade lógica que está na origem do modo de pensamento galiléico que é também aquele de Freud. Como a ilustram os efeitos do recalque sobre a bissexualidade constitucional, tenta-se aprofundá-los em relação a duas ordens de homossexualidade masculina distinguidas por Freud em 1910: a dos sujeitos “que se tomam como objeto de amor” e aquela dos que “escolhem o pai” (FREUD *apud* DELRIEU, 1997a, p. 434). Antes de proceder à investigação proposta, faz-se uma síntese teórica dos critérios citados.

Os modos de pensar aristotélico e galiléico por Kurt Lewin

Fundamentado nas diferenças das pesquisas dos físicos aristotélicos medievais e pós-galiléicos, em 1931, Lewin escreveu o artigo “O conflito entre os modos aristotélico e galiléico de pensamento na psicologia contemporânea”. Na ocasião, ele afirmou que seu propósito não era histórico, mas o de fornecer um panorama para ajudar a esclarecer, ante as dificuldades encontradas, certas questões muito relevantes para a reconstrução da psicologia de então. Em que tal implicava também a psicanálise?

Como foi dito, para Lewin (1975), a situação científica de Freud era galiléica. Este contribuiu imensamente para a “abolição das fronteiras entre o normal e o patológico, o ordinário e o incomum” e promovera, ainda mais, “a *homogeneização* de todos os campos da psicologia”, isto é, dos fenômenos relativos ao inconsciente. Apesar de ainda estar “muito longe de ser completo”, para Lewin, contudo, esse procedimento revelava-se “inteiramente comparável ao que [fora] introduzido na física moderna”. Na física medieval, abundavam os “conceitos explicitamente normativos tirados da *Ética*” de Aristóteles: o dualismo entre as “formas supremas” dos “*movimentos circulares e retilíneos [...] dos corpos celestes*” e *aquelas dos movimentos que acontecem no “mundo terreno, sublunar”* e “inferiores”. Tal como ocorrera na física galiléica e pós-galiléica, a abolição de fronteiras acima aludida ilustra a superação dessas dicotomias por Freud (LEWIN, 1975, p. 13-14; 32).

De fato, segundo Raikovic (1996, p. 11), a instauração por Freud “de uma continuidade entre o normal e o patológico” implica levar “*a sério materiais provenientes de um inconsciente cujos “procedimentos [...] não obedecem às leis lógicas do pensamento; para [estes] o princípio da contradição é nulo*”. Eis o que diz Freud a esse respeito:

Impulsos contrários existem lado a lado, sem que um anule o outro, ou sem que um diminua o outro: quando muito, podem convergir para formar conciliações, sob a pressão econômica dominante, com vistas à descarga de energia. No Isso¹ não há nada que se possa comparar à negativa, e é com surpresa que percebemos uma exceção ao teorema filosófico segundo o qual espaço e tempo são formas necessárias de nossos atos mentais (FREUD, 1976 [1933 (1932)], p. 94).

Percebe-se que, para Freud, o sentido metapsicológico do Isso (Es) diz respeito à certa relatividade do pensamento. Segundo Assoun (1991, p. 39), as características desse “inconsciente-*sistema*” são: “atemporalidade, indiferença à negação, processo primário – de livre circulação de energia – e regulação pelo princípio de prazer-desprazer”. Dadas algumas semelhanças entre a lógica aí implicada, fato que ilustra o aspecto dinâmico da metapsicologia², e aquela que Bachelard reconhece como a dialética da ciência contemporânea, assume-se que o que Freud revelou condiz mais com as referências da física. Quer dizer, não se trata da concepção hegeliana que “*procede por oposição da tese e da antítese e da sua fusão numa noção superior de síntese*”, mas de algo análogo ao que Bialobrzeski comentou sobre o método sintético de Octave Hamelin³. Para este, “*a antítese não é a negação da tese: as duas noções que se combinam numa síntese [...] são opostas, mas não contraditórias*” (apud BACHELARD, 1984, p. 127-128)

Esses exemplos de superação lógica das antigas dicotomias aristotélicas, o que não se concebeu sem Hegel, contudo, remonta ao que aconteceu no início da Idade Moderna, o efeito das “perspectivas de um Bruno⁴, um Kepler ou um Galileu, determinados pela idéia de uma unidade abrangente do mundo físico”.

A mesma lei rege os cursos das estrelas, a queda das pedras e o vôo dos pássaros. Essa homogeneização, [...] com respeito à validade da lei, priva a divisão de objetos físicos em classes rígidas e abstratamente definidas, daquele significado crítico da física aristotélica em que a pertença a

¹ Opta-se pelo termo “isso” vernacular, o que Freud chamou de *Es* em alemão. Trata-se do que se traduziu como *Id*, palavra latina que consta na versão inglesa e nas duas brasileiras: a primeira sob a direção de Jayme Salomão e aquela recente iniciada por Luiz Hanns.

² Na metapsicologia, o aspecto dinâmico implica conceber os processos psíquicos como resultado do conflito: composição de forças que exercem certa pressão e têm origem pulsional.

³ Bachelard cita e comenta o que diz C. Bialobrzeski sobre o filósofo francês Octave Hamelin.

⁴ Os livros *Acerca do infinito do universo e dos mundos* e *A causa o princípio e o uno* de Giordano Bruno ilustram suficientemente o pioneirismo da idéia dessa unidade abrangente do mundo que influenciou Kepler e Galileu.

certa classe conceptual era considerada determinante da natureza física de um objeto. Estreitamente relacionada com isto está a perda da importância das dicotomias lógicas e das antíteses conceptuais. Os seus lugares foram tomados por transições cada vez mais fluidas, por gradações que privam as dicotomias do seu caráter antitético e representam, em forma lógica, uma fase de transição entre o conceito de classe e o conceito de série (LEWIN, 1975, p. 21).

Resume-se, então, o que, para Lewin, ilustra o contraste entre as formas de pensamento aristotélica e galiléica quanto à legitimidade e aos métodos de observação. Na primeira, só são legítimos os fenômenos regulares e freqüentes. Todos os casos individuais, isto é, singulares, são julgados como fortuitos. Como se parte ali de um critério de regularidade, “o que é comum aos casos historicamente ocorrentes” é interpretado como “a expressão da natureza da coisa”. No modo de pensar galiléico, porque os critérios de regularidade e freqüência não são requeridos, consideram-se legítimos todos os fenômenos observáveis, inclusive os individuais. Aqui, o que é comum aos casos ocorrentes é concebido como “um acidente, só historicamente condicionado” (LEWIN, 1975, p. 35).

De fato, comparada à sua versão galiléica, a Física contemporânea operou uma ultrapassagem: a superação das dicotomias, dos conceitos avaliatórios e explicitamente normativos, das classificações abstratas e, por conseguinte, das leis que não se referiam às propriedades dos fenômenos. Para Lewin, enfim, a Física galiléica só pôde constituir-se “quantitativamente exata” e implicar “puras relações matemáticas funcionais”, porque ocupou um lugar onde as “antigas explicações antropomórficas” foram abolidas (LEWIN, 1975, 14-20).

A concepção aristotélica dos fenômenos pode ser chamada de dualista, aliás, de maniqueísta, porque induz a opor-se o que não se sabe relativizar, nem referir-se a uma mesma origem. A ultrapassagem desse modo de pensar deve muito a Bruno. Eis o que diz Koyré a tal respeito:

Fica-se confundido perante a audácia e o radicalismo do pensamento de Bruno, que opera uma transformação – verdadeira revolução – da imagem tradicional do mundo e da realidade física. Infinitude do universo, unidade da natureza, geometrização do espaço, negação do lugar, relatividade do movimento: estamos muito perto de Newton. O cosmos medieval está destruído; pode-se dizer que desapareceu no vazio, arrastando consigo a física de Aristóteles e deixando lugar vago para uma “ciência nova” que Bruno, todavia, não será capaz de fundar (KOYRÉ, 1986, p. 224).

Não se aprofundarão, aqui, todos os aspectos requeridos para entender o legado epistemológico de Bruno para a Modernidade. Desenvolver-se-á apenas a idéia da relatividade dos movimentos, considerada como possibilidade epistemológica: aquela de uma lógica dialética também revolucionária. Como já foi dito, a relatividade de que se trata é solidária de outras noções na filosofia bruniana do infinito.

O critério bruniano

A julgar pelo que Koyré (1986) atribui à “geometrização completa do espaço”, assume-se que a concepção da relatividade dos movimentos está na origem da homogeneização dos campos de fenômenos físicos observáveis e da abolição da noção de “lugares” e direções privilegiadas”. Acrescenta-se, também, que essa relatividade, decerto concernente a certas leis lógicas do pensamento, está atrelada à idéia do universo, do uno e do infinito. Eis como o autor a descreve:

“Não há centro nem circunferência” [...] “alto” e “baixo” são conceitos puramente relativos, tão relativos quanto, “direita” e “esquerda”. Tudo está à esquerda ou à direita, tudo está em baixo ou em cima, como se queira. Quanto ao movimento circular, “à volta do centro”, qualquer ponto do espaço pode ser tomado como “centro”, pois nenhum o é realmente; todos os pontos do espaço infinito se equivalem (KOYRÉ, 1986, p. 220-221).

Não se trata de um simples relativizar, repete-se, Bruno vincula sua idéia às noções de universo, uno e infinito. Eis como ele as justifica em *A causa, o princípio e o uno*:

O indivisível não é diferente do divisível, o que é sobremodo simples não difere do infinito, o centro não se diferencia da circunferência. De vez que o infinito é tudo aquilo que pode ser, ele é imóvel; porque nele não há nada que tenha diferenças, ele é então uno; e, visto que tem toda a grandeza e perfeição, além de todos os limites, ele é a imensidão máxima suprema. Se o ponto não difere do corpo, se o centro não é diferente da circunferência, se o finito não se diferencia do infinito nem no máximo nem no mínimo, então podemos afirmar com segurança que o universo é tudo centro, ou que o centro do universo está em todas as partes e que a circunferência não se acha em parte alguma,

porquanto difere do centro, ou então que a circunferência está em todas as partes, mas que o centro não é diferente da circunferência. Eis como não é impossível, mas até mesmo necessário, que o supremo, o máximo, o incompreensível seja tudo, por tudo e em tudo, como simples e indivisível que é (BRUNO, 1988, p. 119-120).

Há, na concepção de Bruno, uma lógica e uma teoria do conhecimento dialéticas, sem dúvida. Isso implica uma constante negação interna de cada termo das relações concebidas, e faz remeter cada perspectiva construída a sua própria ab-solução, isto é, a um afastamento quanto ao que está resolvido, mas é provisório e requer sempre novas direções. O que inspira esse raciocínio é a idéia do infinito. Este é incompreensível para o pensamento que não se processar pela admissão lógica de que os opostos não se negam para formar uma síntese conclusiva. Porque o infinito é superior, isto é, sendo imóvel em sua imparcialidade quanto às negações internas dos opostos concebíveis, faz mover o pensamento a novas combinações constantemente. O infinito é uno e ao mesmo tempo dividido; para cada vertente dessa divisão, faz lembrar-se enquanto diferença constante⁵.

Eis um exemplo disso. Segundo Neuser (1995), as idéias de Bruno, comparadas ao pensamento aristotélico até então vigente, ampliam as concepções de Copérnico e reverberam, por exemplo, em Gassendi⁶, Leibniz⁷ e Jungius que, por sua vez, influenciaram Schelling. Em seu livro *Sobre o infinito, o universo e os mundos*, Bruno “discute as conseqüências filosóficas resultantes de uma variação da teoria astronômica entre Nicolau Copérnico e Thomas Digges⁸”. Copérnico concebera um mundo que incluía “uma esfera exterior que (fechava) o Universo”. Tratava-se ainda de uma aceitação da teoria da natureza de Aristóteles, “porque, para este, a matéria é sempre finita”. Conforme Bruno, contudo, não há algo que feche o universo porque tal é infinito (NEUSER, 1995, p. 11).

⁵ Assume-se que a compreensão de tal dialética requer uma verdadeira *Epokhé* ou suspensão de julgamento, como Husserl a definiu. Isso exige muitíssimo, poucos o atingem: a atitude de acolher-se a própria experiência sobre o mundo, “livrando-se de vez de toda teoria”, isto é, admitindo-se suas experiências pessoais, tais como estas se dão e como “recebe(m) sua legitimação” de seu próprio encadeamento. O que é preciso, portanto, é pôr o próprio mundo pessoal ou mundo do eu cognoscente empírico “entre parênteses”, ou seja, acolher este mundo “sem atestá-lo, mas também sem o contestar” (HUSSLERL, 1950, p. 103-104).

⁶ Pierre Gassendi (1592-1655). Abade, matemático e filósofo francês, adversário da filosofia de Aristóteles e de Descartes, fundador de modernas teorias do atomismo e partidário de uma moral epicurista fundada no prazer e na serenidade.

⁷ Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716). Filósofo alemão mais conhecido pela teoria das mônadas, porém pela concepção do cálculo infinitesimal que também tem a ver com os conceitos de uno, universo e infinito de Bruno.

⁸ Esse último era inglês e amigo de Bruno.

Baseando-se em trabalho publicado anteriormente (BARROCAS, 2006), assume-se poder referir, a uma relatividade dos movimentos, os efeitos do recalque sobre a bissexualidade constitucional. Resume-se o de que se trata. Para Freud, a bissexualidade constitucional existe nos dois sexos e, em cada um, ela implica dois aspectos em relação ao complexo de Édipo: um positivo e outro negativo. Estes constituem as atitudes masculina e feminina tanto do menino quanto da menina em relação aos modelos sexuais que o casal parental representa. Quer dizer, como a identificação com o genitor do mesmo sexo implica não somente os sentimentos hostis de rivalidade, mas também o amor pelo qual, por vezes, a criança deseja substituir o genitor do sexo oposto, o recalque é o que faz sucumbir isso que nega a identificação com o genitor do mesmo sexo. Como se ilustra tal?

Em *Análise terminável e interminável*, Freud mostra que aquilo que orienta a distinção entre o homem e a mulher, de fato, é algo em relação ao sexo oposto que sucumbe ao recalque. A feminilidade é efeito do que faz ceder a “inveja do pênis – um esforço positivo por possuir um órgão genital masculino⁹”. Após a fase fálica, tal se converterá no “desejo de ter um bebê e de um marido que possui um pênis”. A heterossexualidade masculina é consequência daquilo que Adler chamou de “protesto masculino” o que, para Freud, traduz essencialmente o “repúdio à feminilidade”: repúdio a situar-se sexualmente numa posição feminina. Desde a primeira infância, “a atitude passiva [...] que pressupõe a aceitação da castração (em si mesmo), é energeticamente recalcada” (FREUD, 1975 [1937], p. 285).

Nessa relatividade de movimentos, os pares masculino-feminino não se combinam numa fusão superior, pois sua distinção nunca é eliminada. A força do recalque os mantém constantemente em oposição: a situação da heterossexualidade masculina é incompatível com uma posição feminina e vice-versa. Como isso se constata na heterossexualidade, o que se pode dizer sobre a homossexualidade? Constituiria esta uma exceção, uma anomalia?

A relatividade da bissexualidade na heterossexualidade e na homossexualidade

Na reunião do dia seis de outubro de 1907, da Sociedade Psicanalítica de Viena, Freud asseverou que “*todos os homossexuais tiveram uma forte*

⁹ Há a algo aprofundar: sabendo-se que desde o início, o repúdio de uma posição feminina orienta a masculinidade, não haveria, para a menina, também desde o começo, algo do desejo de uma mulher que, simbolizado em seu papel de mãe, orientaria a feminilidade? Não se deveria partir desta diferença radical e não daquela que alude a uma inferioridade?

ligação com uma mulher na infância", e que, pelo contrário, "*todos os homens mulherengos e carrascos do coração, tendiam muito mais, em sua primeira infância, à homossexualidade*". Ele concluiu, portanto, que "*em nenhum caso se pode considerar alguém como homossexual ou heterossexual pelo seu objeto*". Na reunião do dia 15 de janeiro de 1908, ele acrescentou algo mais: quando alguém manifesta uma "*atração anormal (sic), por um sexo, ela contém sempre uma tendência mais antiga em relação ao outro sexo, tendência que foi superada com esforço*" (FREUD, apud DELRIEU, 1997b, p. 433).

Em suas *Conferências introdutórias sobre a psicanálise*, depois de dizer que "os sintomas neuróticos são substitutos da satisfação sexual", Freud asseverou que os impulsos homossexuais são encontráveis em todos os neuróticos e que "numerosos sintomas dão expressão a esta inversão (sic) latente". Para ele, o número dos homossexuais "*conscientes e manifestos [...]* nada é em comparação com o dos homossexuais latentes" (FREUD, 1976, [1916-1917 (1915-1917)], p. 360).

Mais tarde, em *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*¹⁰, Freud comentou que a sexualidade em geral "depende de uma restrição na escolha de objeto": está subordinada ao que "é proibido pela sociedade". Ele diz isso, apesar de reconhecer que a idéia de conversão de um homossexual desenvolvido em um heterossexual "não oferece maiores perspectivas de sucesso que o inverso; exceto que, por boas razões, o último caso nunca é tentado" (FREUD, 1976 [1920], p. 189).

O tema da relatividade referido à aparência gestual aparece também no mesmo texto. O autor diz claramente:

Um homem com características predominantemente masculinas e também masculino em sua vida erótica pode ainda ser invertido com respeito ao seu objeto, amando apenas homens em vez de mulheres. Um homem cujos atributos femininos, obviamente, predominam dele se poderia esperar [...] que escolhesse um homem como objeto amoroso; não obstante, pode ser heterossexual e não mostrar, com respeito a seu objeto, mais inversão do que um homem médio normal (FREUD, 1976 [1920], p. 210).

No artigo de 1925, *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud escreveu que a situação edipiana dos meninos

¹⁰ No título original, consta o termo homossexualidade (*Homosexualität*) e não homossexualismo (FREUD, 1973 [1920], p. 255).

pertence à fase fálica e que “sua destruição é ocasionada pelo temor à castração, isto é, pelo interesse narcísico nos órgãos genitais”.

O assunto fica mais difícil de apreender pela circunstância complicadora de que, mesmo nos meninos, o Complexo de Édipo possui uma orientação dupla: ativa e passiva de acordo com a constituição bissexual; o menino também deseja tomar o lugar da mãe como objeto de amor de seu pai – fato que descrevemos como atitude feminina. [...] Concordaremos de boa vontade que a maioria dos homens [...] está muito aquém do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto (FREUD, 1976 [1925], p. 311; 320).

Acrescente-se a tais dados algo capital: o que Souza Filho (2007, p. 25-26) mostra no texto de Freud sobre a heterossexualidade: “*o interesse exclusivo de homens e mulheres também constitui um problema que precisa ser elucidado, pois não é fato evidente em si mesmo*”.

A análise de todas essas passagens revela uma heterogeneidade salutar. Eis seus postulados: em relação à primeira infância, tanto na heterossexualidade como na homossexualidade, para Freud, a escolha amorosa implica algo que foi recalcado, superado com esforço e referido à bissexualidade constitucional. A heterossexualidade e a homossexualidade não são tampouco identificáveis pelo que, no senso comum, se atribui à postura gestual: apesar de haver certos traços femininos em um homem, não obstante, este pode ser heterossexual; a idéia da virilidade psíquica mais completa é compatível com a homossexualidade. Impulsos homossexuais são encontrados em todos os neuróticos. Não há, portanto, nem masculinidade nem feminilidade puras. A heterossexualidade não constitui algo inteiramente evidente e explicado. Essas afirmações caracterizam o que se pode chamar, com Lewin (1975), seja de “abolição das fronteiras entre o normal e o patológico, o ordinário e o incomum”, seja de perda da importância das dicotomias lógicas e das antíteses conceptuais. Apesar de Freud ter instaurado essa relatividade referida à disposição bissexual, ver-se-á mais adiante que tal procedimento está longe de ser completo.

Há, nele, laivos de juízos de valor: ele fala ainda sobre “atração anormal por um sexo” e chama a homossexualidade de inversão. Trata-se de uma dicotomia que, por se ater a um juízo aristotélico, poderia ter sido superada. Por

mais que tenha reconhecido que não se trata de “vício”, “aviltamento” ou “doença na homossexualidade”, Freud nunca foi além do que comunicou a uma mãe estadunidense que se queixava da sexualidade do filho: trata-se de uma “*variação da função sexual, provocada por certa suspensão do desenvolvimento sexual*” (FREUD apud DELRIEU, 1977b, p. 438).

Sem o temor de alterar a lógica aí implicada, poder-se-ia acrescentar que, para Freud, a aludida “suspensão do desenvolvimento heterossexual” foi causada por uma fixação da libido em condições das fases anteriores. Foi por pensar assim que em uma das últimas obras, ele asseverou tratar-se de perversão “quando a homossexualidade é manifesta” (FREUD, 1975 [1940 (1938)], p. 181). Poder-se-ia, de forma inteiramente galiléica, superar esse raciocínio?

Não aprofundando como legítimas as variações homossexuais decorrentes da bissexualidade constitucional, Freud sempre as julgou pelo critério das proibições sociais de sua época. Não se pode, contudo, condenar o raciocínio que privilegia primeiramente a norma social que faz o modelo da identificação coincidir com aquele do sexo biológico e anatômico. Tal deve contar mesmo como dado irreduzível da diferença sexual da qual todos provêm. O que se pode dizer com certeza, é que, como para Freud essa diferença devia sempre resultar na heterossexualidade, o que dela concernia à homossexualidade ficou sem legitimação. Outros critérios são requeridos para superar-se a dicotomia normal-patológico ainda presente nesse tipo de pensamento. Não se aprofundam aqui todas as variações que a homossexualidade pode apresentar, mas somente a referência de onde se parte: as duas ordens já aludidas.

Considerando esses dados, tenta-se investigar o pensamento de Freud através de alguns critérios. Em relação ao tema exposto acima, além da relatividade ou dialética aludidas, verificam-se também os juízos de valor, as antíteses utilizadas e a relação destas com a idéia da validade geral e incondicional das leis. Por quê? Se há uma só lei para todos os fenômenos inconscientes, uma vez que isso implica a heterossexualidade tanto quanto a homossexualidade, seria lícito associar-se ainda dicotomicamente a primeira à normalidade e a segunda à patologia?

Sobre duas ordens de homossexualidade masculina em Freud

No artigo publicado em 1922, *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo*¹¹, Freud distingue dois tipos de

¹¹ No título original consta o termo homossexualidade (*Homosexualität*) e não homossexualismo (FREUD, 1973 [1922 (1921)], p. 217).

homossexualidade masculina. O primeiro implica o que já falara em seu estudo sobre Leonardo da Vinci. Ele diz que, após a puberdade, o jovem que até então “fora intensamente fixado na mãe” muda de atitude, identificando-se com ela. A partir de então, ele “procura objetos amorosos, em quem possa descobrir-se, e a quem possa então amar como a mãe o amara”. Essa identificação decorre de uma fixação que, em certo sentido, permite ao filho permanecer fiel ao “seu primeiro objeto”: a mãe. Ocorre também uma tendência à escolha de objeto narcísico que, para Freud, geralmente, é mais fácil de efetuar do que o movimento no sentido do outro sexo.

Por trás desde último fator, jaz oculto outro de força bastante excepcional, ou talvez coincida com ele: o alto valor atribuído ao órgão masculino e a incapacidade de tolerar sua ausência num objeto amoroso. A depreciação das mulheres, a aversão e até mesmo o horror a elas derivam-se geralmente da precoce descoberta de que as mulheres não possuem pênis. Subseqüentemente, descobre como outro poderoso motivo (pode) compelir no sentido da escolha homossexual de objeto, a consideração pelo pai ou o medo dele, porque a renúncia às mulheres significa que toda a rivalidade com aquele (ou com todos os homens que podem tomar o seu lugar) é evitada. Os dois últimos motivos – o apego à condição de existência de um pênis no objeto, bem como essa evitação¹² – podem ser atribuídos ao complexo de castração. A ligação à mãe, o narcisismo, o medo da castração são fatores (incidentalmente, nada têm em si de especial) que até o presente encontramos na etiologia psíquica do homossexualismo; com eles é preciso computar o efeito da sedução, responsável por uma fixação prematura da libido, bem como a influência do fator orgânico que favorece o papel passivo no amor (FREUD, 1976 [1922 (1921)]), p. 279-280).

Não considerando estar completa sua primeira análise sobre o assunto, Freud passa, então, a falar sobre outra ordem de homossexualidade masculina. Ele adverte não poder dizer, contudo, sobre quão grande é o papel que esta desempenha na formação do tipo de homossexualismo extremo, manifesto e exclusivo. Assim, ele continua:

[...] a observação dirigiu minha atenção para diversos casos em que, durante a primeira infância, impulsos de ciúmes,

¹² Optou-se pelo que consta no texto original: “bem como esta evitação” (“so wie das Ausweichen”), e não “bem como o afastamento em favor do pai” que aparece na edição brasileira aqui citada (FREUD, 1973 [1922 (1921)], p. 227).

derivados do complexo materno e de grande intensidade, surgiram [num menino] contra os rivais, geralmente irmãos mais velhos. Esse ciúme provocou uma atitude excessivamente hostil e agressiva para com esses irmãos, que poderia às vezes atingir a intensidade de desejos reais de morte, incapazes então de manterem-se face ao desenvolvimento ulterior do sujeito. Sob as influências da criação – e certamente sem deixar de serem influenciados também por sua própria e continuada impotência – esses impulsos renderam-se à repressão e experimentaram uma transformação, de maneira que os rivais do período anterior se tornaram os primeiros objetos amorosos homossexuais, (FREUD, 1976 [1922 (1921)]), p. 280).

Essa ordem de homossexualidade se origina na rivalidade (fraterna) que foi sobrepujada e em impulsos agressivos que foram recalçados. Aqui, os rivais odiados se transformaram em objetos amorosos. Por essa razão, o que ocorre constitui “um contraste completo com o desenvolvimento da paranóia persecutória, na qual a pessoa anteriormente amada se torna o perseguidor odiado”. Para o autor, trata-se também de uma exageração do processo do qual surgiram as tendências¹³ sociais no indivíduo. Os prévios “impulsos ciumentos e hostis”, juntamente com “os sentimentos afetuosos [...] e os sentimentos sociais de identificação, surgem como formações reativas, contra os impulsos agressivos” (FREUD, 1976 [1922 (1921)]), p. 280).

A identificação, nesses casos, é induzida pela mãe que estabelece o modelo de um “outro rapaz”. “A tendência à escolha narcísica de objeto foi assim estimulada e, após uma breve fase de agudos ciúmes, o rival se torna objeto amoroso”. Para Freud, essa mudança efetua-se “num período muito mais precoce” do que aquela que ocorre na primeira ordem de homossexualidade. Além de a identificação com a mãe retroceder para o segundo plano, há, nesses casos, apenas “atitudes homossexuais que não excluem a heterossexualidade e não envolvem um horror feminae” (FREUD, 1976 [1922 (1921)]), p. 280-281).

Freud tenta estabelecer uma verdadeira dicotomia de tipos puros, quanto à homossexualidade. Haveria, assim, os que, pela identificação, pagariam o preço da castração psíquica: se situariam como uma mulher e seriam passivos. Opostos a estes, sem, contudo, deixarem de ser homossexuais, haveria os bons *mocinhos* a quem faltaria muito pouco para o

¹³ Substitui-se a palavra “instintos” por “tendências”, que aparece na tradução brasileira ora citada.

estatuto da heterossexualidade idealizada: aqueles cujo papel é masculino porque estariam identificados com um “outro rapaz”. Alguns desdobramentos podem ser feitos, todavia.

De fato, pode-se considerar que a primeira ordem corresponda realmente àqueles sujeitos que, pelo amor ao pai, se identificariam com o modelo sexual representado pela mãe. Tal constituiria uma alternativa para explicar o que se poderia confundir, em vão, com a psicose atribuída à transexualidade delirante como a de Schreber. Não obstante, pode-se também supor outro rumo: perguntar-se sobre a origem de outro tipo de homossexualidade, oriunda também do amor ao pai, porém atrelada a uma identificação com este e não com a mãe. Teria sido isso o que ocorrera com Leonardo da Vinci? Poder-se-ia, então, opor essa ordem de homossexualidade àquela dos que se tomam a si próprios como objetos de amor?

A partir de agora, discorre-se sobre essa hipótese referida a um estudo publicado anteriormente (BARROCAS, 2006). Aí se chegou a dois resultados distintos. Considerando um paralelo entre Leonardo e o pequeno Hans, comparados quanto ao recalque e à escolha de objeto, concluiu-se que havia uma forma de homossexualidade procedente da histeria de angústia, oposta àquela que se poderia chamar de narcísica. Constatou-se que esta última seria efeito daquilo que, em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud (1974 [1914], p. 104) atribui à perversão.

As semelhanças encontradas entre Leonardo da Vinci e o pequeno Hans são três: (1) o nexos entre a curiosidade infantil e a independência intelectual precoce que se traduz na “investigação sobre a origem dos bebês”; (2) a noção, isto é, a fantasia infantil do ato sexual como algo violento e hostil. Trata-se da teoria do coito sádico; e (3) a alusão ao recalque. Acrescente-se ainda que algo capital desempenhe um papel preponderante nesse caso: não ocorre a escolha de si mesmo como objeto de amor, nem a abjuração da diferença genital feminina (*Verleugnung*), nem uma idealização da pulsão. Estes seriam os critérios para situar aí o que Freud chama de perversão.

Em seu estudo sobre Leonardo da Vinci, Freud assevera que, como o amor inicial à mãe não poderia mais “continuar a se desenvolver conscientemente”, o menino o recalca: “colocou-se no lugar” daquela e “*tomou a si próprio como um modelo a que deveriam assemelhar-se os novos objetos de seu amor*”.

Todavia, sabendo-se que o sujeito histórico de angústia recalca não o amor à mãe, mas o amor ao pai acoplado com o medo dele, mostrou-se que a identificação tenha sido também com o pai. Este, por sua vez, foi considerado

um heterossexual atípico, isto é, um sujeito histérico de angústia também. Dado o recalque, o desenvolvimento conseqüente não poderia ser movido senão por impulsos ativos. Nesse caso, uma posição feminina não se aplicaria mesmo em se tratando de homossexualidade. Por quê? Por mais paradoxal que pareça, a fobia infantil e o que daí resulta: a angústia ou ansiedade do homem histérico tem a ver com um repúdio da posição feminina. De fato, para Freud, "as proibições substituem os atos obsessivos, assim como a fobia evita um ataque histérico": ou seja, uma situação semelhante ao que pode ocorrer numa mulher (FREUD, 1976 [1907], p. 128).

Há dois tipos de histeria para Freud: de angústia e de conversão. Apesar de as duas serem distintas, ele concebe certas variações: "*em alguns casos patológicos, a histeria de angústia pode se confundir, em todas as proporções [...] com a histeria de conversão*". O que ocorreu no pequeno Hans não implicou tal situação (BARROCAS, 2002, p. 200). Admite-se, com Kress-Rosen (1981, p. 66-67), que quando se fala de histeria masculina, trata-se daquela de angústia como ocorreu com essa criança.

Todavia, a sexualidade do homem histérico tem constituído um tema controverso. Freud (1976 [1909], p. 118) supõe que o destino dessa criança teria sido o de uma "heterossexualidade enérgica com traços de poligamia". Oposto a Freud, Lacan (1994, p. 414) é radical: "*o pequeno Hans se situa em certa posição passiva ("passivée") e o que quer tenha sido a legalidade heterossexual de seu objeto, nós não podemos considerar que ela esgote a legitimidade de sua posição*"¹⁴.

Quanto ao homem histérico, Nasio (1990, p. 60) diz que há um "*fraco interesse pelas mulheres ou mais exatamente, uma fraca pulsão de penetrar o corpo da mulher*" e um "*grau variado de homossexualidade e de masturbação*"¹⁵. Admite-se que tal decorre da teoria sádica do coito, fantasia infantil que no adulto culmina no temor a fazer mal a uma mulher, razão de o ato sexual não interessar ao homem histérico. Segundo Winter (1998, p. 66-65): "*Seria mais exato dizer-se: tal não lhe dá nenhum prazer. Isto constitui para ele algo quase que da ordem de uma obrigação*"¹⁶.

Não estariam todos esses psicanalistas falando sobre um homossexual não assumido? Deduz-se tal pelo que, não obstante, Freud comenta sobre o pequeno Hans:

¹⁴ Tradução do autor deste trabalho.

¹⁵ Tradução do autor deste trabalho.

¹⁶ Tradução do autor deste trabalho.

Um dia este pequeno foi indagado quanto aos companheiros e companheiras de folguedo: 'Das meninas, de quem você gosta mais'? A criança respondeu: 'Fritzl!'. O favorito de Hans, Fritzl: ou o pequeno Frederico, era a quem Hans sempre estava abraçando, e a quem fazia declarações do seu amor. [...] Ao mesmo tempo, [Hans] tratava as meninas de forma muitíssimo agressiva, masculina e arrogante, abraçando-as e beijando-as com sinceridade (FREUD, 1976 [1909], p. 25).

Essa passagem não mostra a bissexualidade daquela criança cujo recalque foi maciço, mas algo referente ao que, no futuro, se tornaria seu verdadeiro objeto de amor, tanto quanto sua relação com as mulheres. Supõe-se que o desenvolvimento libidinal e a escolha de objeto no pequeno Hans teriam implicado o seguinte: (1) uma intensificação da afeição inicial à mãe que teria promovido a identificação com o pai; (2) à intensificação dessa afeição deve-se acrescentar a versão sádica do coito que juntas constelariam fatores muito distintos daqueles que ocorrem na heterossexualidade típica; (3) uma escolha de objeto homossexual viabilizada pela transferência, para o pai e depois para os novos objetos de amor, de uma parcela da afeição inicial dirigida à mãe.

Fala-se de uma parcela dessa afeição apenas porque, além de o homem histérico de angústia manter sempre um desejo prevenido na homossexualidade, parte da afeição inicial pela mãe e pelas mulheres em geral nunca deixa de existir. Ela é sublimada: dirigida para objetos cuja finalidade não é sexual. Trata-se de uma homossexualidade atípica quando comparada àquela da segunda ordem de que Freud fala.

De fato, constatou-se, por outro lado, que são homossexuais, nos sentidos etimológico, semântico e psicanalítico do termo, aqueles que, em *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo*, Freud (1976) mostra se identificarem com um "outro rapaz". Por não lhes atribuir o *horror feminae* ante a diferença sexual, Freud concluiu poderem ilustrar apenas episódios homossexuais. Ora, uma vez que o aludido "outro rapaz" implica a idealização de si mesmo provinda de uma mãe que não é tampouco uma mulher heterossexual típica, trata-se do que resulta em uma escolha narcísica de objeto. De fato, em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, discorrendo acerca daquelas "*peçoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu alguma perturbação, [tal como nos] pervertidos e homossexuais*", Freud assevera (1974 [1914], p. 104) que, em sua escolha ulterior dos objetos amorosos, "elas adotaram como modelo, não sua mãe, mas seus próprios eus. Procuram, inequivocamente, a si mesmos como objetos amorosos, e exibem um tipo de escolha objetal que deve ser denominada 'narcisista'".

Esses dois tipos de homossexualidade referem-se a constelações familiares distintas. Todavia, em ambas, constatou-se algo que Freud reconhece na origem da homossexualidade: na primeira infância, “uma ligação erótica muito intensa com uma mulher, em geral a mãe” e um “papel secundário desempenhado pelo pai”. A diferença concerne ao que a mulher, enquanto mãe, pode induzir no filho, em relação ao cônjuge. No primeiro caso, o aludido papel secundário se deve a uma carência do cônjuge. Porém, o fato de mesmo assim esse marido ser desejado fomenta, no filho, uma identificação com o pai. No segundo caso, o marido não é o modelo da identificação, é-o um “outro rapaz”. Isso se explica porque as mães, como Sadger (1970 [1910], p. 91) descreve, aí são “muitas vezes masculinizadas” e capazes de deslocar o marido de sua função. O que orientaria a sexualidade narcísica desse homossexual não seria, então, uma idealização do que a mãe gostaria de ter sido? Ao contrário do que Freud afirma, convém acrescentar que essa ordem de homossexualidade não está em contraste completo com a paranóia persecutória.

Do tema inicial das duas ordens de homossexualidade consideradas por Freud, pode-se dizer que, na realidade, há três: (1) aquela do sujeito identificado com o modelo sexual da mãe e que é distinguível do que ocorre no delírio transexual do paranóico; (2) o que caracteriza uma homossexualidade narcísica; (3) o que ilustra a homossexualidade histérica. Não obstante haja ainda para aprofundar, tal será feito alhures; à guisa de conclusão provisória, passa-se para a parte final desta investigação.

Consideração lewino-bruniana das homossexualidades masculinas

Segundo Lewin (1975), a perspectiva epistemológica galiléica requer que se considerem todos os fenômenos como provenientes de única lei, isto é, da legitimação da mesma lei. Tal significa que a homogeneização dos campos observados e a abolição conseqüente da fronteira entre normal e patológico só é realizável se, no lugar das dicotomias, se conceberem transições mais fluidas ou gradações cujos pólos estejam privados de todo caráter antitético.

Como o próprio Freud concebeu a psicanálise no modo galiléico, procura-se nele mesmo o que possa fundamentar a consideração lewino-bruniana almejada. Considerem-se alguns dados: para Freud, não há nem masculinidade nem feminilidade puras; impulsos homossexuais existem em todos os neuróticos; a postura gestual nem sempre corresponde às aparências sexuais identificadas pelo senso comum. Suponha-se, agora, que a heterossexualidade não poderia implicar tipos puros senão muito raramente e

que o que acontece na realidade ilustra muito mais variações em que se combinariam entre si características tanto masculinas quanto femininas, resultantes da disposição bissexual e da herança cruzada.

Ora, se tal é válido para a heterossexualidade, dever-se-ia situar a homossexualidade não como uma patologia, mas em continuidade com essas variações. Portanto, longe de concebê-la como exceção à norma, ela seria mais bem situável numa gradação de fenômenos resultantes da incidência do recalque na bissexualidade constitucional. O horizonte da sexualidade masculina compreenderia, assim, diversas ordens de fenômenos: (1) a afirmação exacerbada da virilidade na postura gestual; (2) a heterossexualidade típica; (3) uma heterossexualidade atípica? (4) duas ordens de homossexualidade oriundas do amor ao pai: (4. 1) aquela do sujeito que se identifica com o pai e (4. 2) aquela de quem se identifica com o modelo sexual da mãe. Essas ordens são supostas procederem, respectivamente, (a) da homossexualidade narcísica, (b) da heterossexualidade masculina em que o Édipo é resolvido tipicamente, (c) de uma heterossexualidade atípica ainda a investigar, e, finalmente, (d) do que, atribuído à histeria de angústia, se bifurca, todavia. Além do que se indagou sobre a heterossexualidade atípica acima, resta ainda para investigar e aprofundar se ela corresponderia apenas a uma hesitação do homossexual histérico e se, na homossexualidade do tipo narcíseo, ocorre mesmo o recalque ou outro processo. A alternativa pressupõe perguntar-se se tal procede da abjuração da diferença sexual¹⁷ (*Verleugnung*) ou não.

Outros aspectos podem também ser ressaltados. Em vez de utilizarem-se certos conceitos carregados culturalmente de julgamento e condenação, como o que acarreta o termo perversão – inversão, atração anormal, aberração e tantos outros mais que povoam os textos de Freud –, dever-se-iam referir apenas aos fenômenos passíveis de observação patente: a escolha narcísica de si mesmo como objeto de amor, a abjuração da diferença genital feminina e a idealização da pulsão.

¹⁷ A *Verleugnung* implica que a diferença genital feminina percebida seja mantida por um lado, mas, pelo outro, rejeitada. O termo abjuração traduz bem esse movimento de crença e de rejeição da mesma, à vez.

Referências

- ASSOUN, Paul-Laurent. *O freudismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- BACHELARD, Gaston. *A filosofia do não: filosofia do novo espírito científico*. Lisboa: Editorial Presença, 1984.
- BARROCAS, Ricardo L.L. "A relação entre uma ordem das homossexualidades masculinas e a heterossexualidade atípica da histeria de angústia". In: VALE, Alexandre Fleming Câmara; PAIVA, Antônio Cristian Saraiva (Org.). *Estilísticas da sexualidade*. Fortaleza; Campinas: Pontes Editores, 2006, p. 183-201.
- _____. *Expérience mystique et jouissance: Jean de la Croix et Angelus Silésius*. Thèse pour obtenir le grade de Docteur en Psychologie. Université Paris 13, Paris, 2002.
- BRUNO, Giordano. *A causa, o princípio e o uno*. São Paulo: Nova Stella Editorial, 1988.
- _____. *Acerca do universo do infinito e dos mundos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.
- DELRIEU, Alain. *Sigmund Freud: Index Thématique*. Paris: Anthropos, 1997.
- FREUD, S. "Les premiers psychanalystes, Minutes (II) de la Société psychanalytique de Vienne (7-6-1908 a 15-6-1910)". In: DELRIEU, Alain. *Sigmund Freud: Index Thématique*. Paris: Anthropos, 1997a.
- _____. "Les premiers psychanalystes, Minutes (I) de la Société psychanalytique de Vienne (10-10-190 a 3-6-1908)". In: DELRIEU, Alain. *Sigmund Freud: Index Thématique*. Paris: Anthropos, 1997c.
- _____. *Correspondance 1873-1939*. In: DELRIEU, Alain. *Sigmund Freud: Index Thématique*, Paris: Anthropos, 1997b.
- _____. *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976 (ed. or. 1922 [1921]). (Obras completas, v. XVIII).
- _____. *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica dos sexos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976 (ed. or. 1925). v. XIX. (Obras completas, v. XIX).
- _____. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976 (ed. or. 1909). (Obras completas, v. X).
- _____. *Análise terminável e interminável*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975 (ed. or. 1937). (Obras completas, v. XXIII).
- _____. *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976 (ed. or. 1920). (Obras psicológicas completas, v. XVIII).
- _____. *Atos obsessivos e práticas religiosas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976 (ed. or. 1907). (Obras completas, v. IX).
- _____. *Conferências introdutórias sobre a psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976 (ed. or. 1916-1917 [1915-1917]). (Obras completas, v. XVI.).

FREUD, S. *Esboço de psicanálise*. 1975 (ed. or. 1940 [1938]). (Obras completas, v. XXIII).

_____. *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970 (ed. or. 1910). (Obras completas, v. XI).

_____. *Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976 (ed. or. 1933 [1932]). (Obras completas, v. XXII)

_____. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974 (ed. or. 1914). (Obras completas, v. XIV).

_____. *Über einige neurotische Mechanismen bei Eifersucht*. Paranoia und Homosexualität (1922 [1921]), Studienausgabe, Frankfurt-am-Main: Fischer, 1973, Band VII.

_____. *Über die Psychogenese eines Falles von Weiblicher Homosexualität* (1920). Studienausgabe, Frankfurt-am-Main: Fischer, 1973, Band VII.

_____. *Zur Einführung des Narzißmus, Psychologie des Unbewußten*. Band III, 1973.

HUSSERL, Edmund. *Idées directrices pour une phénoménologie et une phénoménologie pures*. Tome premier. Paris: Gallimard, 1950.

KOYRÉ, Alexandre. *Estudos galilaicos*. Lisboa: Dom Quixote, 1986.

KRESS-ROSEN, Nicolle. "Difficultés des theories de l'angoisse chez Freud". *Littoral*, n. 1, Blasons de la phobie, 1981.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre IV: La relation d'objet*. Paris: Seuil, 1994.

LEWIN, Kurt. "O conflito entre os modos aristotélico e galileico de pensamento na psicologia contemporânea". In: _____. *Teoria dinâmica da personalidade*. São Paulo: Cultrix, 1975.

NASIO, Juan-David. *L'hystérie ou l'enfant magnifique de la psychanalyse*. Paris: Rivages, 1990.

NEUSER, Wolfgang. *A infinitude do mundo: notas acerca do livro de Giordano Bruno Sobre o infinito, o universo e os mundos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

RAIKOVIC, Pierre. *O sono dogmático de Freud: Kant, Schopenhauer, Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

SOUZA FILHO, Alípio. "A resposta gay". In: BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira; LIMA, Solimar Oliveira (Org.). *Homossexualidades sem fronteiras: olhares*. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2007.

WINTER, Jean-Pierre. *Les errants de la chair: études sur l'hystérie masculine*. Paris: Calmann-Lévy, 1998.